

JUVENTUDES NEGRAS LGBTQIAPN+ E EXPERIÊNCIAS ESCOLARES: O VOGUE/BALLROOM COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA INSURGENTE

JUVENTUDES NEGRAS LGBTQIAPN+ Y EXPERIENCIAS ESCOLARES: EL VOGUE/BALLROOM COMO LENGUAJE PEDAGÓGICO INSURGENTE

Recebido em: 20/01/2026

Aceito em: 28/02/2026

Publicado em: 24/05/2026

Rosinalva Neres Rocha¹ 

Universidade Federal de Lavras

Bárbara Tatiane Santos Carvalho² 

Universidade Federal de Lavras

Warley Ferreira Sahb³ 

Universidade Federal de Lavras

Resumo: Apesar da retórica inclusiva presente em documentos oficiais, currículos escolares seguem orientados por dispositivos de normalização que excluem corpos racializados e dissidentes de gênero e sexualidade. Este estudo buscou tensionar tal lógica por meio da inserção da linguagem estética do Vogue/Ballroom como prática formativa, performativa e política no interior de uma escola pública do nordeste mineiro, interrogando os marcadores de raça, gênero e sexualidade que sustentam a arquitetura excludente da educação formal. A investigação adotou abordagem qualitativa, ancorada nas epistemologias pós-críticas, deslocando o conhecimento da abstração teórica para a experiência situada e sensível. Os dados foram produzidos em oficinas corporais, rodas de escuta e narrativas de si, orientadas pelas práticas do Vogue/Ballroom. A metodologia assumiu caráter analítico e instaurou um vínculo político-afetivo entre pesquisador(a) e participantes. O corpo emergiu como território de elaboração de saberes e a escuta como prática de presença radical. As ações pedagógicas promoveram fabulações coletivas entre estudantes negros(as) lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais, pansexuais e não binários (LGBTQIAPN+), desestabilizando os regimes escolares de visibilidade e pertencimento. Conclui-se que estéticas dissidentes, quando reconhecidas como práticas formativas, instauram outras formas de existir e saber, deslocando a escola para territórios simbólicos de reinvenção e justiça epistemológica.

Palavras-chave: Vogue/Ballroom; Juventudes Dissidentes; Currículo Performativo; Pedagogia da Diferença; Corpos Insurgentes.

Resumen: A pesar de la retórica inclusiva presente en documentos oficiales, los currículos escolares continúan orientados por dispositivos de normalización que excluyen cuerpos racializados y disidentes de género y sexualidad. Este estudio buscó tensionar dicha lógica mediante la inserción del lenguaje estético del Vogue/Ballroom como práctica formativa, performativa y política en el interior de una escuela pública del nordeste minero, interrogando los marcadores de raza, género y sexualidad que sostienen la arquitectura excluyente de la educación formal. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, anclado en epistemologías poscríticas, desplazando el conocimiento de la abstracción teórica hacia la experiencia situada y sensible. Los datos fueron producidos en talleres corporales, rondas de escucha y narrativas de sí, orientadas por las prácticas del Vogue/Ballroom. La metodología asumió un carácter analítico e instauró un vínculo político-afectivo entre investigador(a) y participantes. El cuerpo emergió como territorio de elaboración de saberes y la escucha como práctica de presencia radical. Las acciones pedagógicas promovieron fabulaciones colectivas entre estudiantes negros(as) lesbianas, gays, bisexuales, transgénero, queer, intersexo, asexuales, pansexuales y no binarios (LGBTQIAPN+), desestabilizando los regímenes escolares de visibilidad y pertenencia. Se concluye que las estéticas disidentes, cuando son reconocidas como prácticas formativas, instauran otras formas de existir y saber, desplazando la escuela hacia territorios simbólicos de reinvencción y justicia epistemológica.

1 <https://orcid.org/0009-0001-0595-1759>. E-mail:

2 <https://orcid.org/0009-0001-1323-6747>. E-mail:

3 <https://orcid.org/0000-0003-0709-724X>. E-mail:

Palavras chave: Vogue/Ballroom; juventudes disidentes; currículo performativo; pedagogia de la diferencia; cuerpos insurgentes.

INTRODUÇÃO

O currículo escolar, longe de ser um mero repositório de conteúdos e competências, constitui um campo de disputas simbólicas, políticas e epistêmicas. Em contextos escolares marcados por racionalidades meritocráticas, disciplinares e cisheteronormativas, o que se ensina, como se ensina e a quem se destina o ensino expressa regimes de verdade que reiteram exclusões historicamente naturalizadas (Louro, 2018; hooks, 2017). Nesse cenário, juventudes negras LGBTQIAPN+ continuam a ser interpeladas por dispositivos de silenciamento que se inscrevem nos conteúdos, nas práticas pedagógicas e nas arquiteturas afetivas da escola.

O estudo emerge da urgência em instaurar práticas formativas que não pretendam assimilar ou domesticar as diferenças, mas que as reconheçam como enunciações legítimas de saber e existência. A linguagem Vogue/Ballroom, expressão performativa e estética forjada por comunidades negras e trans nos circuitos Underground do Harlem, é mobilizada neste trabalho como dispositivo pedagógico contra-hegemônico. Ao ocupar o espaço escolar com gestos, poses e narrativas corporais dissidentes, o Vogue reconfigura os sentidos do currículo, fazendo do corpo um território de criação e da performance uma linguagem pedagógica.

O objetivo central deste estudo foi analisar como a inserção do Vogue/Ballroom no cotidiano escolar, a partir de oficinas pedagógicas, operou como prática curricular insurgente, afirmadora de subjetividades dissidentes e produtora de pertencimento. Interessou compreender em que medida a legitimação da performance como saber curricular possibilita deslocamentos nas gramáticas normativas do ensino e instaura outros modos de ensinar, aprender e habitar a escola.

Tal escolha se justifica, sobretudo, diante de uma realidade escolar na qual o corpo já é convocado, porém, seletivamente. Atividades como gincanas, feiras culturais e desfiles, amplamente presentes no cotidiano das escolas públicas, mobilizam performances e estéticas que reafirmam normas cisgêneras, heteronormativas e orientadas pela branquitude. Estudantes trans, travestis e de expressões dissidentes são, não raro, excluídos dessas dinâmicas ou convidados a se conformar aos padrões hegemônicos em nome da participação. O corpo que escapa à norma é, assim, silenciado sob o disfarce da neutralidade pedagógica. Neste cenário, o Vogue/Ballroom não é inserido como tema ilustrativo ou expressão exótica, mas como metodologia de enfrentamento e reconstrução dos regimes de visibilidade e pertencimento escolar.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública estadual no nordeste de Minas Gerais, com estudantes do ensino médio, utilizando abordagem qualitativa, participante e pós-crítica. As oficinas intercalaram rodas de conversa, análise de vídeos da cultura Ballroom e registros audiovisuais. A análise foi orientada por referenciais dos estudos queer e da pedagogia da diferença de Butler (2018), bem como Preciado (2022) e Gallo (2002), com articulação da corporeidade, estética e dissidência como eixos de experimentação pedagógica.

Ao inscrever o Vogue/Ballroom como linguagem formativa, o estudo tensiona os limites do currículo e propõe sua reescrita a partir da escuta radical dos corpos subalternizados. O Vogue, nesse contexto, não é um tema a ser encaixado nos planos de ensino: é método, é estética da resistência e é afirmação política da vida que insiste em existir.

O estudo insere-se na área da Educação e resulta de uma pesquisa teórica com desdobramento em prática pedagógica, vinculada ao campo das epistemologias pós-críticas. Desenvolve-se sob uma abordagem qualitativa, compreendendo o conhecimento como construção situada, relacional e politicamente implicada. Essa perspectiva questiona os regimes de verdade sustentados pela racionalidade universal e desloca a centralidade do objeto para os sujeitos, reconhecendo o corpo como linguagem e território epistêmico (hooks, 2017; Butler, 2018).

Participaram da pesquisa 26 estudantes do ensino médio, dentre os/as quais, 8 autodeclarados(as) negros(as) e pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+. Os/as participantes não foram concebidos como fontes de informação, mas como coautores de um processo horizontalizado de invenção pedagógica. A escola, tradicionalmente marcada por práticas disciplinares, foi resignificada como território de escuta, criação e desobediência curricular por meio da inserção do Vogue/Ballroom como prática formativa e política.

O percurso metodológico articulou uma análise implicada, orientada por uma tessitura interseccional e performativa, que reconhece os afetos, os silêncios e as potências mobilizadas nas oficinas estético-corporais. As atividades envolveram experimentações com o corpo, leitura de poses, rodas de conversa e narrativas de si, inspiradas na linguagem do Vogue/Ballroom, expressão estética forjada nas resistências de corpos negros e trans no Harlem, e que, ainda que de forma tímida, reverbera nas margens do currículo escolar brasileiro.

Os registros também foram anotados em diário de campo reflexivo, contendo descrições densas das interações corporais, das ambiências afetivas e das micropolíticas de presença que atravessaram as oficinas. O diário constituiu-se como ferramenta crítica de elaboração subjetiva e epistemológica da experiência.

Como etapa inicial, foram recolhidas expressões e vocábulos mais frequentes nas falas dos(as) estudantes durante rodas de escuta, em resposta a perguntas como: o que a escola cala em você? e como seu corpo deseja existir nesse espaço?. Os termos foram organizados em uma nuvem de palavras enquanto instrumento visual e analítico de leitura dos atravessamentos afetivo-discursivos da experiência.

A nuvem sintetizou os enunciados de exclusão e potência que precederam as performances. Os encontros seguintes buscaram suspender hierarquias escolares, instituindo uma ambiência de hospitalidade pedagógica e pluralidade expressiva. A performatividade corporal foi adotada como eixo de análise, entrelaçando memória, desejo e insurgência.

A análise dos registros, corporais, discursivos, silenciosos e afetivos, foi orientada por uma tessitura teórica interseccional e performativa. Butler (2018) contribui com a concepção do corpo como repetição e subversão normativa; Preciado (2022), com a crítica aos dispositivos tecnopolíticos da legibilidade; hooks (2017) sustenta uma pedagogia do afeto e da transgressão; Louro (2018) tensiona a escola como tecnologia de regulação da sexualidade; e Gallo (2002) inspira uma educação menor, movida por fabulações e microinsurgências.

Durante o percurso, pequenas adaptações foram incorporadas para respeitar o ritmo dos(as) estudantes e a potência coletiva das oficinas, sem comprometer os objetivos da proposta. A experiência resultou em uma cartografia afetiva das resistências juvenis, em que o corpo fala, emerge como operador formativo e o Vogue/Ballroom como linguagem que desestabiliza o currículo prescrito. Mais do que um método de pesquisa, a proposta consolidou-se como experimentação ética e estética de mundo, na qual saberes dissidentes não apenas ocupam, mas refundam o espaço escolar.

CORPOS, CURRÍCULO E DISSIDÊNCIA: A LINGUAGEM DO VOGUE/BALLROOM COMO INSURGÊNCIA PEDAGÓGICA

Para compreender a densidade política e epistêmica dessa linguagem performativa, é necessário resgatar brevemente o contexto histórico da cultura Vogue/Ballroom. Conforme documentado por Bailey (2013), a cena Ballroom surgiu entre as décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, especialmente entre comunidades negras e latinas LGBTQIAP+, como forma de contestar a exclusão de corpos não brancos e dissidentes dos espaços sociais, culturais e políticos hegemônicos. Nos salões de baile, os Balls, sujeitos travestis, pessoas trans, gays e não conformes performavam categorias como Realness, Face e Runway, inscrevendo suas existências na linguagem da dança e da estética. O estilo Vogue, inspirado em poses de revistas de moda, consolidou-se como gesto político de fabulação identitária, resistência simbólica e reconfiguração da inteligibilidade dos corpos.

Mais do que expressão artística, o Ballroom constitui um território contra-hegemônico, no qual, corpos historicamente marcados como ininteligíveis puderam se enunciar e fabular existências possíveis. Sua incorporação ao espaço escolar não implica a adaptação de sua estética aos códigos institucionais, mas a abertura da escola à força de sua potência dissidente. O Vogue/Ballroom, nesse contexto, atua como dispositivo de desorganização da norma, instaurando metodologias que operam por deslocamento, fabulação e insurgência. Não se trata, portanto, de ensinar o Vogue/Ballroom como conteúdo, mas de reconhecê-lo como prática que tensiona os regimes de verdade e desafia a matriz disciplinar do currículo. Nessa chave, ele se constitui como gesto performativo que reconfigura o próprio conceito de currículo enquanto tecnologia de subjetivação (Butler, 2018).

A introdução do Vogue/Ballroom no contexto escolar reconfigura as fronteiras do currículo, ao reivindicar a centralidade de saberes que, historicamente, foram interditados pelas gramáticas disciplinares da escola contemporânea. Ao tomar o corpo como campo epistemológico e a performance como linguagem formativa, esta proposta tensiona os regimes de normalização e visibilidade que produzem e regulam as subjetividades no espaço educativo (Butler, 2018). O que se instaurou, portanto, foi um deslocamento político-pedagógico, que desestabilizou as formas convencionais de ensinar, aprender e estar com o outro.

A escuta inicial das juventudes foi mobilizada como ponto de partida para a intervenção. Por meio de rodas de conversa e narrativas de si, emergiram vocábulos e expressões que indicavam tanto experiências de exclusão quanto estratégias de resistência. A seguir, a nuvem de palavras construída a partir dessa escuta revela o campo semântico afetivo-político que antecedeu as oficinas:

Figura 1 – NUVEM DE PALAVRAS.



Fonte: Nuvem de palavras articulada pelos autores (2025)

Essa visualização não apenas sintetiza o vocabulário mais recorrente, mas revela a densidade emocional e política das experiências narradas. Termos como “invisível”, “nome”, “voz” e “coragem” apontam para os campos de disputa simbólica que atravessam o cotidiano escolar, antecedendo e fundamentando as práticas performativas que se seguiram. A presença

dessas palavras não apenas sinalizou campos de exclusão, mas também anunciou territórios de reinvenção. O que se escutou não foram apenas queixas, mas enunciações encarnadas que buscavam rasgar o tecido normativo da escola.

Ao serem convidados(as) a ocupar o pátio escolar com suas estéticas, memórias e expressões, os(as) estudantes insurgiram contra a pedagogia do silêncio que os(as) atravessava. O corpo, geralmente reduzido à passividade do assento, tornou-se voz e gesto. Nessa ambiência, a estética Vogue/Ballroom funcionou como tecnologia de subjetivação, não no sentido de conformar, mas de performar-se a partir da desobediência epistêmica (hooks, 2017). A passarela improvisada não apenas rasgava o chão da escola, mas escancarava os limites do que o currículo permite ver, ouvir e reconhecer como legítimo.

A potência política da experiência não reside apenas na valorização da diversidade, mas na recusa das lógicas assimilacionistas que pautam as políticas educacionais contemporâneas. Enquanto a diversidade institucional costuma operar como discurso de tolerância, que inclui o outro apenas na medida em que ele não afeta a estrutura, o Vogue/Ballroom introduz o dissenso como método, desorganizando os arranjos normativos que sustentam a escola como dispositivo de regulação (Louro, 2018).

Essa inflexão metodológica, que transforma a dissidência em fundamento e não em exceção, pode ser mais bem compreendida quando contrastamos os princípios que regem a diversidade institucional assimilacionista com aqueles que orientam a insurgência pedagógica promovida pelo Vogue/Ballroom. Para evidenciar esses deslocamentos, apresenta-se, a seguir, um quadro comparativo que sintetiza os contrastes estruturantes entre essas duas racionalidades.

QUADRO 1 – CONTRAPONTO ENTRE A LÓGICA ASSIMILACIONISTA DA DIVERSIDADE INSTITUCIONAL E A INSURGÊNCIA PEDAGÓGICA DO VOGUE/BALLROOM.

Dimensão	Diversidade Institucional (assimilacionista)	Vogue/Ballroom como método dissidente
Relação com a diferença	Tolerância condicional; inclusão subordinada à norma	Reconhecimento radical; valorização da dissidência
Objetivo político	Preservar a estrutura escolar; evitar rupturas	Desorganizar o instituído; produzir deslocamentos curriculares
Lugar do corpo	Objeto de controle e normatização	Território de enunciação e criação de saberes
Configuração do currículo	Conteudista, homogêneo e regulador	Performativo, estético e insurgente
Epistemologia subjacente	Universalista, racional e meritocrática	Situada, afetiva e subversiva

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Louro (2018), Butler (2018), hooks (2017), Preciado (2022) e Gallo (2002).

O Quadro 1 explicita, de forma analítica, os contrastes estruturais entre a lógica assimilacionista das políticas de diversidade institucional e a insurgência pedagógica instaurada

pelo Vogue/Ballroom enquanto método. Enquanto as práticas escolares convencionais tendem a operar sob um paradigma de tolerância condicional, que admite a presença do "outro" desde que este não desestabilize o centro normativo, as performances encarnadas nas oficinas analisadas desafiaram frontalmente essa arquitetura. A diferença, nesse contexto, deixou de ser assimilada para tornar-se força epistêmica. Em vez de adequar corpos à estrutura curricular, o Vogue/Ballroom produziu deslocamentos, convertendo o espaço escolar em território de enunciação política e estética.

Ao contrastar essas duas formas de relação com a diferença, observa-se que a pedagogia instituída pela performance dissidente não apenas questiona o conteúdo do currículo, mas sua própria forma de operar. Tal como propõe Gallo (2002), trata-se de uma pedagogia menor: não totalizante, não instrutiva no sentido tradicional, mas criadora de mundo. O corpo, antes normalizado, torna-se lugar de saber e de insurgência, conforme apontado por Butler (2018) e Preciado (2022). Assim, o quadro reforça que o Vogue/Ballroom, ao se configurar como prática educativa, não é uma estratégia de inclusão, mas uma ruptura ontológica com a estrutura que define quem pode ser visto, ouvido e legitimado dentro da escola.

Esse deslocamento epistêmico instaurado pelo Vogue/Ballroom não se limita à desestabilização curricular: ele reverbera diretamente na arquitetura relacional da escola e exige uma reconfiguração da função docente. Ao romper com os binarismos que organizam as posições de quem ensina e quem aprende, a performance dissidente não apenas interpela a docência, mas a convoca à coabitação com o imprevisível e com o ininteligível.

Na medida em que a experiência corporal passa a ser reconhecida como saber, desloca-se também o lugar da docência. A escuta, neste projeto, foi menos sobre acolher e mais sobre ser afetado. Docente e discentes coabitam o acontecimento, produzindo um currículo em ato, instável, poroso, móvel. O que se instaurou foi uma prática de coautoria performativa, em que a criação não se opunha à análise, e o gesto era também pensamento. Neste sentido, aproximamos da concepção de uma educação menor proposta por Gallo (2002), na qual a pedagogia se constitui como prática de invenção, e não de reprodução.

As rodas de conversa revelaram não apenas experiências de exclusão, mas também estratégias de reexistência cotidiana, fundadas na produção estética dos corpos. Uma das estudantes, ao se ver projetada em um dos registros audiovisuais, afirmou: “ali eu sou quem eu sou. Aqui dentro, era só um corpo quieto”. Tal enunciação evidencia como o silêncio institucional não se trata da ausência de fala, mas da recusa em escutar o que não se encaixa nas codificações autorizadas pelo currículo. Ao performar o inassimilável, os(as) estudantes reivindicaram a escola como lugar de enunciação e não apenas de instrução.

A cultura Vogue/Ballroom, ao ser transposta para o espaço educativo, não foi reduzida a tema, tampouco instrumentalizada como ilustração da diversidade. Pelo contrário, instaurou-se como linguagem política, estética de resistência e prática epistemológica que desestabiliza as fronteiras entre ensino e vida. Como aponta Preciado (2022), tornar-se visível sob os regimes normativos não é sinônimo de existir; pelo contrário, é sob os modos dissidentes de se expressar, dançar, performar e existir que se rompe com o projeto de legibilidade imposto pela cisheteronormatividade colonial.

Dessa forma, o Vogue/Ballroom se constituiu não como conteúdo, mas como método de ruptura. Ele encarnou a pedagogia do afeto, da escuta radical e da transgressão ética defendida por hooks (2017), onde ensinar é um ato político e corpo é verbo. Os deslocamentos não foram apenas epistemológicos, mas ontológicos: a escola deixou de ser apenas cenário e passou a ser dramaturgia viva de insurgência.

CORPOS EM MOVIMENTO: VIVÊNCIAS E (RE)INVENÇÕES

Os encontros pedagógicos protagonizados por estudantes negros(as) LGBTQIAPN+ evidenciaram as múltiplas camadas de exclusão estrutural que atravessam cotidianamente a vida escolar. Situações como o desrespeito ao nome social, a ausência de representatividade nos materiais didáticos, a vigilância sobre os gestos e os corpos dissidentes e o silenciamento sistemático de subjetividades desviantes revelaram-se não como anomalias, mas como engrenagens de uma máquina institucional fundada na cisheteronormatividade, na branquitude e na colonialidade. Tais práticas reiteram o que Butler (2018) identifica como performatividade normativa: um conjunto de atos reiterados que legitimam algumas existências enquanto negam outras.

A experiência também deu visibilidade ao que Preciado (2022) denomina de regimes tecnopolíticos de controle dos corpos, dispositivos que operam por meio da padronização da conduta e da universalização da norma sob a aparência da neutralidade. Nesse contexto, a igualdade formal, muitas vezes utilizada como justificativa para o tratamento homogêneo entre os(as) estudantes, revelou-se, paradoxalmente, como tecnologia de apagamento das singularidades. Como afirma Louro (2018), a escola não apenas ensina conteúdos, mas também regula desejos, identidades e modos de ser no mundo.

Foi nesse terreno de exclusões que o Vogue/Ballroom emergiu como prática formativa contra-hegemônica. A quadra escolar, tradicionalmente reservada à disciplina esportiva e à competição, foi ressignificada como passarela de enunciação. Os(as) estudantes, por meio de gestos, poses e performances inspiradas nas categorias do universo Ballroom, Realness, Face,

Runway, ativaram linguagens corporais que subverteram o controle disciplinar. O corpo, antes domesticado, tornou-se verbo. A performance não apenas rompeu com os códigos normativos, mas instaurou uma nova gramática de pertencimento.

Mais do que linguagem estética, o Vogue funcionou como tecnologia de subjetivação e insurgência, permitindo a elaboração de memórias, afetos e saberes historicamente silenciados pelo currículo prescrito. Os relatos emergidos nas rodas de conversa revelaram experiências de escuta rara, reconhecimento recíproco e reinscrição simbólica no espaço escolar. Conforme apontado por hooks (2017), quando os sujeitos subalternizados encontram espaços para narrar-se e escutar-se, instauram-se pedagogias do afeto e da presença, capazes de romper com os enclaves da opressão.

A escola, ainda que provisoriamente, deslocou-se de sua função normativa para tornar-se território de fabulação ética e estética. As performances encarnadas pelos(as) estudantes não foram representações de um mundo possível: elas criaram mundo. Como argumenta Gallo (2002), uma pedagogia menor, não hierárquica, não reguladora, não instrumental, se faz nos interstícios, nos desvios, nos gestos que escapam ao que se espera da escola. Nessa perspectiva, o currículo deixou de ser um itinerário fixo para tornar-se acontecimento.

Por fim, reafirma-se que o Vogue/Ballroom, ao ser reconhecido como método, não apenas desloca o currículo, mas o reinventa. As pedagogias que dele emergem são construídas a partir da escuta radical, da performatividade insurgente e da revalorização das estéticas dissidentes como portadoras de saber. Essa experiência revelou que, quando a escola acolhe corpos antes considerados ininteligíveis (Butler, 2018), ela se reconfigura como espaço de dignidade, transgressão e criação coletiva, não mais em nome de uma inclusão normativa, mas como expressão viva da multiplicidade que a constitui.

Os resultados desta pesquisa-intervenção explicitam as tensões entre o modelo escolar hegemônico e as existências dissidentes que nele circulam, especialmente aquelas forjadas por juventudes negras LGBTQIAPN+. A escola, como instituição formal, foi constituída historicamente como espaço de produção de subjetividades ajustadas às lógicas da normalização, da disciplina e da homogeneização dos corpos (Louro, 2018). Nesse contexto, as práticas pedagógicas convencionais operam, muitas vezes, como tecnologias de silenciamento, mesmo quando revestidas pelo discurso da inclusão.

O Vogue/Ballroom, ao ser incorporado como linguagem formativa, produziu rupturas na lógica curricular ao deslocar o centro epistêmico da norma para a borda. Tal deslocamento não é apenas metafórico, mas ontológico: ressignifica o que é considerado saber, quem pode enunciar e de que forma o ensino pode acontecer. Como argumenta hooks (2017), a pedagogia da

transgressão exige que os corpos e vozes marginalizadas não apenas participem, mas protagonizem o processo educativo, não como exceção, mas como fundação de novas possibilidades de aprender e ensinar.

Nesse sentido, a performance encarnada nas oficinas não se limita a um gesto estético; trata-se de uma prática epistêmica que confronta os regimes de visibilidade e inteligibilidade instituídos pela escola. A noção de performatividade, tal como elaborada por Butler (2018), contribui para entender que os corpos, ao repetirem gestos dissidentes, não apenas resistem à norma, mas a reconfiguram. Assim, o corpo em performance deixa de ser o lugar da disciplina e se torna tecnologia de invenção de si e do mundo.

A recorrência de situações de exclusão simbólica vividas pelos(as) estudantes participantes confirma o que Preciado (2022) identifica como regimes de produção da legibilidade dos corpos: sistemas que decidem quem pode ser reconhecido, nomeado e escutado. O currículo tradicional, ao naturalizar ausências e cristalizar presenças, opera como engrenagem desses regimes, dificultando a emergência de outras epistemologias. A inserção do Vogue/Ballroom, nesse contexto, desorganiza essas engrenagens, pois desloca o currículo de sua estabilidade e o convoca a operar como dispositivo de criação.

É nesse entrelugar que a concepção de uma pedagogia menor, como defendida por Gallo (2002), se torna fundamental. Tal pedagogia não se funda na garantia de respostas, mas na abertura ao imprevisível, na recusa à totalidade, na valorização do fragmento e da fabulação. As oficinas não propuseram a resolução de um “problema escolar”, mas a criação de um espaço-tempo outro, onde a estética foi também ética, e a aprendizagem foi inseparável da presença plena de cada corpo.

Por fim, retoma-se a escola como território em disputa. A emergência do Vogue/Ballroom no interior dessa instituição não redimiu suas contradições, tampouco dissolveu suas violências históricas. Entretanto, instaurou brechas, fabulações e gestos de reexistência que revelaram a potência de outras formas de educar, formas que não aspiram ao consenso, mas à multiplicidade; que não visam ao controle, mas ao reconhecimento do abismo como possibilidade criativa.

A discussão aqui apresentada não aponta para uma universalização da experiência, mas para sua força como ato político-pedagógico. Ao trazer o corpo dissidente para o centro da cena educativa, não como objeto de intervenção, mas como produtor de mundo, este estudo reitera a urgência de uma escola que, em vez de incluir o outro no mesmo, se arrisque a ser alterada por sua presença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção do Vogue/Ballroom como linguagem pedagógica no espaço escolar revelou a potência dos corpos dissidentes não apenas como sujeitos de direito, mas como produtores legítimos de saberes que desestabilizam o cânone, desorganizam as lógicas disciplinares e instauram brechas curriculares para a invenção de outros mundos possíveis. Longe de ser mera expressão estética, o Ballroom constituiu-se como prática de reexistência, onde a performance é também reivindicação de presença, ética da escuta e ato de resistência à norma.

A experiência aqui analisada tensiona os alicerces da escola contemporânea, convocando-a a rever seus fundamentos epistemológicos e a reconfigurar-se como espaço formativo atravessado por estéticas insubmissas, afetos políticos e subjetividades insurgentes. Tornar-se inteligível exige desafiar os regimes que determinam quem pode ser reconhecido como humano. O Vogue, nesse contexto, não performa apenas a visibilidade, ele recusa a invisibilização estrutural, encarna saberes desautorizados e convoca a escola à presença ética.

Não se trata de tematizar a diversidade nos moldes conciliatórios da inclusão liberal, mas de instituir uma justiça epistemológica que reconheça a diferença como fundante da experiência pedagógica. A escola, quando afetada pelas corporeidades dissidentes, é convocada não à tolerância, mas à transformação. Os dados da pesquisa demonstram que o reconhecimento sensível das expressões juvenis negras e LGBTQIAPN+ não apenas amplia os sentidos de pertencimento, mas reposiciona o currículo como campo de insurgência e criação.

Dessa forma, as práticas aqui desenvolvidas não propuseram soluções universalizantes, tampouco projetos de normatização das dissidências. Ao contrário, o que se instaurou foi uma pedagogia menor, onde o gesto educativo se confunde com o gesto estético, e onde a docência é também escuta, corpo, afeto e partilha de vulnerabilidades. O Vogue/Ballroom, assim, não é conteúdo a ser ensinado, mas método de ver, sentir e transformar o que a escola pode ser.

Por fim, reafirma-se a urgência de uma formação docente comprometida com as potências do dissenso, com o reconhecimento das existências periféricas e com a construção coletiva de práticas pedagógicas que não apenas acolham as diferenças, mas sejam por elas radicalmente atravessadas. Mais do que um projeto de inclusão, trata-se de uma reinvenção ética, estética e política da escola como território de vidas que dançam, performam e insistem em existir.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Marlon M. **Butch Queens Up In Pumps: Gender, Performance, And Ballroom Culture In Detroit**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>. Acesso em: 15 de fev. de 2025.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.